

Um lugar onde
amanheça*
– Para um diálogo
pós-disciplinar

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

* Verso de Daniel Faria.

“E, na humilde medida do possível, transformemos (quer dizer, melhoremos), se possível, a vida.”

MARGUERITE YOURCENAR

“Passados alguns anos, ao refletir sobre o próprio passado, a pergunta não será: ‘Quantos me aprovaram, quantos votaram em mim, quantos tiveram uma imagem positiva de mim?’ As perguntas, talvez dolorosas, serão: ‘Quanto amor coloquei no meu trabalho? Em que fiz progredir o povo? Que marcas deixei na vida da sociedade? Que laços reais construí? Que forças positivas desencadeei? Quanta paz social semeiei? Que produzi no lugar que me foi confiado?’”

FRATELLI TUTTI, 197

1.

Chegados aqui, quase sobejam as palavras. É de nós que falamos quando falamos destas coisas. De nós. Da nossa substancial humanidade. Do acúmulo de experiências. Da partilha. Do sentido máximo das coisas. Do sentido dos dias. Da felicidade que nos é dado construir e viver. Só à superfície tratamos de matéria académica, uma vez que a substância real do assunto a excede e transcende.

Se o assunto é antigo e se antes as horas eram lentas, o tempo que hoje vivemos é espantosamente novo e vertiginosamente dinamizado. Dir-se-ia que de repente, quase sem transição, perdeu a espessura vital e liquefez-se, pairando sobre os dias a convicção de que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza a única certeza. Há consequências, umas já visíveis, outras bastante previsíveis.

Ética e Diversidade Geracional: (des)encontros?

Gosto destes assuntos, mais ainda se sob a forma de interrogação. Cruzamento de destinos, convocam uma rede de temas adjacentes, uma teia de substância e raiz profunda, irredutível, inapreensível na totalidade. Territórios heterogêneos, instáveis, pós-disciplinares, propiciam uma fertilização cruzada da ética, da literatura, da gestão, do direito, das artes, das ciências humanas e sociais, da teoria e da prática. Articulando metodologias plurais, convocam – e isso é que mais importa – uma mudança de atitude paralela a uma mais lúcida visão do mundo.

2.

Também neste segundo número da coleção Fórum de Ética, em vão se procure a resposta, a ética ou a moralidade exemplar. Numa polifonia de vozes, numa conspiração de partilha, consente-se apenas a aproximação humilde, o afloramento, a sugestão, a proposta.

Os textos que o compõem não deixam, contudo, de ser fragmentos de uma sabedoria vivida e, por isso, espelhos que nos espiam a alma. Coisa séria, portanto, estas páginas de palavras e de imagens. Sacudindo estas últimas, saltam-lhe de dentro o muito que escondem à superfície. Não foram enxertadas como mero complemento estético, reduzidas ao papel de figurantes, mas criadas e assumidas como legenda, comentário e epígrafe. São também elas protagonistas desta narrativa.

3.

De início, como tópicos para este texto, anotei uns quantos livros – adiante referenciados – e dois filmes: o belíssimo *Primavera, Verão, Outono, Inverno...* e *Primavera*, realizado por *Kim Ki-duk*, pelos

inícios de 2000, e *Um Senhor Estagiário* (2015), de Nancy Meyers, com Robert De Niro como protagonista, trabalho filmico já clássico sobre as questões da intergeracionalidade no trabalho. O aparente emaranhado de materiais tem lógica na minha cabeça. Quero crer que não será difícil ao leitor encontrá-la.

Lembrei-me, depois, do primeiro título em que Milan Kundera pensou para *A Insustentável Leveza do Ser*: “Planeta da Inexperiência”. Segundo ele,

Nascemos uma vez por todas, nunca poderemos recomeçar uma outra vida com as experiências da vida anterior. Saímos da infância sem sabermos o que é a juventude, casamo-nos sem sabermos o que é ser casado, e mesmo quando entramos na velhice, não sabemos para onde vamos: os velhos são crianças inocentes da sua velhice. (KUNDERA, 1987, p. 154)

Também os (des)encontros da inexperiência – a inexperiência como uma *qualidade* da condição humana – cruzam, a meu ver, as páginas deste livro.

4.

Estou já do lado de quem tem mais passado do que futuro. A minha barba grisalha era ontem promessa vaga de um bigode em embrião. Como se se abrisse uma janela no tempo, passa-me adiante uma série de rostos de gerações e idades diferenciadas que, algures lá atrás, cruzaram os meus caminhos. Fixo-me num. Os seus gestos tinham a indolência de um monarca. Escrevia numa maravilhosa Remington pousada em cima de uma secretária de apoio, ao fundo, do lado esquerdo de quem entrava na redação

do *Diário de Notícias*. Raramente se levantava e quando o fazia cambaleava como um barco em águas agitadas. Foi durante uns bons cinco anos tutor, bússola e âncora do meu juvenil alvoroço. Se exagero, é muito pouco.

Com o passar dos dias, fui aprendendo que por baixo do resmungar rezingão – “Ando pràqui a mudar fraldas a meninos!” –, havia uma vulnerabilidade não pacificada e um ego de importância ferida. Os meus pedidos de ajuda – “Chefe, que lhe parece?” – eram afinal elogio e carícia, sopro em brasa. Deixara, há muito, de ser o chefe da redação, mas continuava a ser o chefe. Havia ali uma outra hierarquia invisível que todos respeitavam. Quando, certo dia, se despediu de nós, foi com espanto que também o vimos chorar e agradecer. E foi como se nele descobríssemos a lucidez de quem, não podendo dominar a vida, e depois de ver muito mundo, gerações, abalos e novidades, aprendeu a dominar o próprio medo. Também isso lhe dava a autoridade com que ironizava dos nossos. Gostávamos daquele gozo. Aprendíamos com ele. Anda comigo, permanece na raiz de mim. Enfim, não sei como dizê-lo de outro modo. A vida acaba e, ao mesmo tempo, continua. Não penso (agora) em paraísos escatológicos, mas nas consequências do modo como vivemos.

ALIGHIERI, Dante (1995), *A Divina Comédia*.
Tradução de Vasco Graça Moura. Lisboa:
Bertrand.

BAUMAN, Zygmunt (2017), *A arte da vida*. Lisboa:
Relógio d'Água.

CARVALHO, José Eduardo; LOPES, José Álvaro
Assis; REIMÃO, Cassiano Maria (2011),
Inovação, decisão e ética. Lisboa: Edições Sílabo.

FARIA, Daniel, (1998), *Homens que são como
lugares mal situados*. Porto: Fundação Manuel
Leão.

KALLIFATIDES, Theodor (2022), *Outra vida para
viver*. Lisboa: Quetzal.

KUNDERA, Milan (1987), *A arte do romance*.
Lisboa: Dom Quixote.

YOURCENAR, Marguerite (1983), *O tempo, esse
grande escritor*. Lisboa: Difel.

ZWEIG, Stefan (2023), *O mundo de ontem:
recordações de um europeu*. Lisboa: Relógio
d'Água